

A ELEVAÇÃO DO OFÍCIO SACERDOTAL PEDE ELEVAÇÃO DE SANTIDADE¹

*S. João de Ávila*²

Sermão enviado ao Pe. Francisco Gómez, S.I., a ser pregado em um sínodo diocesano de Córdoba, em 1563
Elegit nos ab omni (Eclo 45,4)³

Dignidade do ofício sacerdotal

1. Não conheço algo mais eficaz com que possa persuadir vossas mercês do que lhes convém fazer, do que lhes trazer à memória a elevação do benefício que Deus nos fez por ter-nos chamado à elevação do ofício sacerdotal, pois tendo tantos a quem o pudesse encomendar: *Elegit nos ab omni vivente, ut dicit Ecclesiasticus* (Eclo 45,4).⁴ E se naquele tempo escolher sacerdotes já era grande benefício, quanto mais no Novo Testamento, no qual somos os sacerdotes d’Ele como o Sol em comparação com a noite, e como a verdade em comparação com a figura? Ó divina bondade, que tanto se manifestou em elevar homens a tal altura, pondo nas mãos deles o seu poder, a sua honra, a sua riqueza e sua própria pessoa! Quem não se julgará muito beneficiado por Deus, por ser poderoso na terra para fazer descer fogo do céu? Quem não se julgará em muita consideração ao ressuscitar mortos, expulsar demônios e, o que vale mais que tudo, tirar homens do inferno e lhes abrir o Céu? etc.

1) Extraído de: SAN JUAN DE ÁVILA. *Obras completas* (nueva edición crítica). Luis Sala Balust, Francisco Martín Hernández (ed.). Madrid: BAC, 2007 (reimpr.), p. 785-795. Tradução por Felipe de Azevedo Ramos.

2) João [Juan] de Ávila (1499-1569) foi sacerdote secular, escritor e místico espanhol. Suas obras transparecem seu dom de pregação e seu viés ascético, influenciando os grandes autores do “século de ouro” espanhol. Santa Teresa de Ávila, ao tomar conhecimento da morte do “Mestre Ávila” não se conteve em prantos, afirmando: “Choro porque a Igreja de Deus perde uma grande coluna”. Foi proclamado doutor da Igreja em 7 de outubro de 2012 por Bento XVI. Nessa ocasião, o Pontífice pronunciou as seguintes palavras de elogio: “Profundo conhecedor das Sagradas Escrituras, era dotado de um ardente espírito missionário. Soube adentrar, com uma profundidade particular, nos mistérios da Redenção operada por Cristo para a humanidade. Homem de Deus, unia a oração constante à atividade apostólica. Dedicou-se à pregação e ao aumento da prática dos sacramentos, concentrando seus esforços para melhorar a formação dos futuros candidatos ao sacerdócio, dos religiosos, religiosas e dos leigos, em vista de uma fecunda reforma da Igreja”.

3) “Escolheu-nos entre todos” (N.T.).

4) “Escolheu-nos entre todos os viventes, como diz o Eclesiástico” (N.T.).

Cristo obedece aos seus sacerdotes na Consagração

2. Compare a diferença que há entre o sacerdote do Antigo Testamento e do Novo. E se a Escritura tem como grande benefício o fato de Deus eleger um para aquele, o que será para este? E particularmente se diga do poder que Deus lhe deu para consagrar, e com quanta prontidão vem ele ao ser chamado [pelo sacerdote]; e que é benefício ainda maior do que aquele que se conta de Josué quando fez parar o Sol, como diz a Escritura, que não houve dia tão longo, *obediens Domino voci hominis* (Js 10,14).⁵ Dia superior é este e de maior obediência, pois ali permaneceu Deus onde estava e aqui toma a forma sacramental onde não a tinha.

Quem obedece com tanta diligência a seu superior quanto Cristo ao obedecer a seus sacerdotes? De um discípulo lê-se nas *Vitas Patrum* que foi chamado pelo abade quando estava escrevendo um “o”, etc.⁶ Mas muito mais rapidamente obedece Cristo; porque aquele deu alguns passos e gastou certo tempo em vir, enquanto que o Senhor se encontra sob a espécie *in instanti*. Ó que grande lição para nós! Ó admirável exemplo!, do qual, por certo, com muita razão se pode dizer: “*Si ego Dominus et magister* (cf. Jo 13,14),⁷ e estando glorioso e em condição de ser servido e obedecido por santos e anjos no Céu (como o está), abaixo-me para obedecer com tanta presteza e com tanta boa vontade, com quanto maior razão não deveríeis vós obedecer-me a mim e a todos por mim?”

Quem, depois de ter consagrado, não fica atônito ou, com profunda humildade, não diz ao Senhor, à semelhança de São Pedro e de São João Batista: “Tu, Senhor, vens a mim?” (cf. Lc 5,8; Mt 3,14). Que sacerdote, se considerasse profundamente esta admirável obediência que Cristo lhe tem, de maior para menor, de Rei para vassalo, de Deus para criatura, teria coragem de não obedecer Nosso Senhor em seus santos mandamentos, e de não perder antes a vida, ainda que na cruz, que perder a obediência d’Ele? Quem levantaria a cabeça contra seu superior, quem não se rebaixaria ao seu igual ou inferior? Vendo isso, São João se espantou e disse: “*Ego a te debeo baptizari et tu venis ad me?*”⁸ E ainda assim nós poderíamos dizer: “Eu, Senhor, devia ir a ti e obedecer-te, e tu vens a mim?” E nos responderia o que

5) “Obedeceu o Senhor à voz do homem” (N.T.).

6) *Vitae patrum*, 1. 3, 143; 1. 5 libell. 14, 5 (PL 73,788.948s.).

7) “Se eu Mestre e Senhor” (N.T.).

8) “Eu é que tenho que ser batizado por ti e tu vens a mim?” (Mt 3,14) (N.T.).

a ele respondeu: “*Sic enim decet implere omnem iustitiam*”⁹ (cf. Mt 3,14-15). E diz a glosa que “toda humildade”, *scilicet*,¹⁰ se humilha ao maior, ao igual e ao menor. *Sic decet*: Para que Senhor? Para rebaixar nossa soberba, para que tenha vergonha o sacerdote de parecer soberbo e desobediente, sendo Deus tão humilde para com ele.

3. Quando algo se nos tornar dificultoso nos mandamentos de Deus, lembremo-nos, padres, desta obediência, humildade e amor com que Deus obedece à voz do homem nas palavras da Consagração. Ali representamos a sua sagrada Pessoa, e dizemos as palavras na Pessoa d’Ele. Aquela honra que, antes de se encarnar, Ele concedera aos anjos, que diziam na Pessoa de Deus: *Ego Dominus* (Ex 12,2), já foi transferida para os sacerdotes, os quais dizem: “*Ego te absolvo; Hoc est corpus meum, in persona Christi*”.¹¹

Trato com Cristo no altar

4. Quem poderá medir a altura da honra à qual fomos elevados? Que coração não se regalará, como o de Simeão, tendo o próprio Cristo nas mãos, olhando-o com os próprios olhos; e, sendo trazido pela língua de tão longe, ser abraçado e colocado dentro de si, no límpido peito? Quem quiser honrar a Cristo, recorde-se desta honra que d’Ele recebeu. Quem, fora do altar, quiser andar com a compostura e a gravidade que lhe é devida, recorde-se quão engrandecido esteve e quão importante negócio realizou no altar. Se o demônio, ou a carne, ou o mundo lhe tentar fora do altar, lembre-se de quão apreciado, beneficiado e presenteado foi por Deus no altar, e diga como José: “Como posso praticar este mal e pecar contra o Senhor, meu Deus?” (Gn 39,9). Tinha livre-arbítrio, mas se considerava tão devedor e agradecido ao seu senhor que não encontrava meio de ofendê-lo com sua mulher. E livre-arbítrio temos os sacerdotes; mas, se não somos nem pedras nem demônios, vendo que o Senhor fica atado às nossas palavras, e se deixa prender com correntes de amor às nossas indignas mãos, não temos nem coração, nem língua, nem olhos, nem mãos, nem peito, nem corpo para ofendê-Lo, porque nos veremos todos inteiramente consagrados ao Senhor com o trato ou o contato com Ele mesmo.

9) “Pois assim convém cumprir toda a justiça” (N.T.).

10) Do latim, “a saber”.

11) Cf. *Rit. Rom.*, tit. 3, c. 2,2; *Miss. Rom.*, Ordo Missae, canon: “Eu te absolvo; Isto é o meu corpo, na pessoa de Cristo” (N.T.).

5. Os mouros que vão a Meca para ver os restos de Maomé consideram-se tão bem-aventurados por vê-lo, que muitos deles arrancam os próprios olhos, porque tendo visto com eles algo tão santo, parece-lhes que seria um desacato se olhassem com os mesmos olhos outra coisa. Como, meu Deus, utilizarei meus olhos para olhar novamente a face de uma mulher ou alguma coisa indecente, uma vez que são empregados para olhar para ti, que és limpeza e formosura infinita? Com muita razão, por certo, mandaste que os que te pertencem arrancassem “o olho que os escandaliza” (Mt 5,29); com ainda maior razão nós os devemos arrancar. Isso significa que devemos mortificá-los pelo respeito que se deve à visão de sua sagrada Pessoa. A língua do sacerdote é chave com que se fecha o inferno e se abre o Céu, com que se abrem as consciências, e consagra a Deus. Se quiséssemos, padres, pecar com a língua, peçamos outra emprestada; que esta, com a qual consagramos a Deus e realizamos efeitos tão admiráveis, de nenhuma maneira tolere ser empregada em servir ao demônio. *Nugae in ore sacerdotali blasphemiae sunt. Consecrasti os tuum Evangelio; talibus aperire non licet, inquit Bernardus. Si nugae blasphemiae sunt, etc.*¹²

6. Olhemo-nos, padres, dos pés à cabeça, alma e corpo, e nos veremos feitos semelhantes à Sacratíssima Virgem Maria, que com suas palavras trouxe Deus ao seu ventre, e semelhantes ao portal de Belém e presépio onde foi reclinado, e à Cruz onde morreu, e ao sepulcro onde foi sepultado. E todas essas coisas santas, por tê-las Cristo tocado, de terras longínquas vêm vê-las, e derramam muitas lágrimas de devoção, e mudam suas vidas movidos pela grande santidade daqueles lugares. Por que não são santos os sacerdotes, lugar onde Deus vem glorioso, imortal, inefável, como não veio Ele àqueles lugares? E o sacerdote o traz com as palavras da Consagração, ao passo que não o trouxeram os outros lugares, excetuando a Virgem Maria. Somos relicários de Deus, casa de Deus e, por assim dizer, criadores de Deus, por cujos atributos convém grande santidade. Quem será tão desventurado que, tendo sido tão prezado e honrado por Deus, venha a terminar no hediondo lodo e lama dos pecados? Ó meus padres! Bem-aventurados somos se soubermos conhecer e quisermos aproveitar o grande valor e estima com que somos honrados por Deus. Ai!, ai!, ai!, de nós se, sendo tão prezados por Ele, não nos prezamos a nós nem prezamos a Ele!

12) BERNARDO DE CLARAVAL. *De consideratione*, II, c. 13, 22 (PL 182,756): “Palavras frívolas na boca do sacerdote são blasfêmias. Consagrou a tua boca para pregar o Evangelho, não é lícito abri-la para proferi-las, diz Bernardo. Se palavras frívolas são blasfêmias, etc.”

7. Ó palavra, que fere mais que espada afiada, a que disse o Senhor aos sacerdotes do passado através do profeta Malaquias: “*Filius honorat patrem, et servus timet dominum suum: Si ego pater, ubi honor vester? Si ego dominus, ubi timor vester? O vos, sacerdotes, qui despicitis nomen meum!*” (Ml 1,6).¹³ Como te desprezaram, Senhor, teus sacerdotes, aqueles tão prezados por ti, os que tão santamente te devem serviço, os que foram elevados por ti a uma dignidade superior à dos anjos; sendo tu a honra deles, eles te desonram! Nunca nada tão feio se viu, ouviu ou praticou! E se daqueles [sacerdotes antigos] se queixa Deus, e com toda razão, o que fará de nós, que somos mais beneficiados do que eles, e era justo que nos corrigíssemos e aprendêssemos com o castigo deles? Conheçamos, padres, que não respondemos ao Senhor com a estima ou a honra que lhe é devida. Não acrescentemos pecados sobre pecados, como aqueles responderam: “*In quo despeximus te?*” (Ml 1,7).¹⁴ Não permita Deus que sobre nossos pecados se acrescente também a cegueira de não os conhecer.

Luz do mundo e sal da terra

8. Muito longe estamos, padres, daquela santidade que nosso ofício exige; se não o reconhecemos, estamos cegos. Mais limpos e resplandecentes devemos ser, diz São João Crisóstomo, que os raios do Sol.¹⁵ “Luz do mundo e sal da terra” nos chama Cristo (Mt 5,13-14). “Luz do mundo”, porque o sacerdote é um espelho e uma luz na qual se devem olhar os do povo, para que, vendo-a, conheçam as trevas em que estão e sintam remorso no coração, dizendo: “Por que eu não sou bom como aquele sacerdote?”. E chamam-se “sal”, porque têm que se converter num saborosíssimo gosto de Deus, a tal ponto que aquele que os tocar com a fala e a conversa, por mais dissipado e desgostoso que estiver com as coisas de Deus, recobre o gosto por elas e perca o gosto pelas coisas más. As pessoas do povo, com suas forçosas ocupações, não têm luz, nem gosto pelas coisas de Deus. E Deus proveu que, para esta “panela de carne” [i.e. o povo], os sacerdotes fossem fogo, lume e sal, tendo isso em tal quantidade que haja para si [sacerdotes] e para os outros.

13) “Um filho honra o pai, e o servo teme o seu senhor: Se eu sou pai, onde está a vossa honra? Se eu sou senhor, onde está o vosso temor? Ó vós, sacerdotes, que desprezais o meu nome” (N.T.).

14) “Em que te desprezamos?” (N.T.).

15) JOÃO CRISÓSTOMO. *De sacerdot.*, VI, 4 (PG 48, 681): “Animam quippe sacerdotis instar lucis totum orbem terrarium illustrantis splendere oportet”.

Exemplo dos santos

9. E considerando a altura de santidade que este santíssimo ofício requer, houve muitos que, mesmo levando uma vida excelente, não se atreveram a receber tal dignidade, desejando mais tê-la por senhora que por esposa. São Marcos foi um destes. São Francisco foi outro, o qual foi instado por muitos que se ordenasse sacerdote, pois era ordenado diácono. Indo ele pensando nisso por um caminho e se encomendando a Deus, apareceu-lhe um anjo com uma redoma muito clara, cheia de um licor muito claro e muito resplandecente, e lhe disse: “Francisco, tão clara como este licor deve ser a alma do sacerdote”. E era tão grande o resplendor do licor que São Francisco, mesmo sendo São Francisco, comparando a limpeza de sua alma com aquele resplendor, entendeu que não tinha suficiente disposição para ser ordenado sacerdote, e nunca ousou sê-lo.

Houve muitos outros, entre os padres do deserto, de excelente santidade e de veneráveis cabelos brancos que, percebendo que queriam colocar sobre eles esta dignidade, fugiam de seu mosteiro para terras desconhecidas. Viam eles a altura deste estado, e quão grande santidade exige que, embora tivessem muita, lhes parecia insuficiente para um ofício tão alto. Nós não conhecemos a dignidade sacerdotal, por isso, não só não fugimos dela, mas – ó dor! –, faltando-nos a santidade, a buscamos, desejamos e, como gente ignorante corremos para ela, colocando os olhos no que ela tem de belo, e não na obrigação de grande santidade que traz consigo para dela fazer bom uso.

Amansar a Deus

10. Isto, padres, é ser sacerdotes: que amensem a Deus quando estiver – ai! – irado com o seu povo; que tenham experiência que Deus ouve suas orações e lhes concede o que pedem, e tenham muita familiaridade com Ele; que tenham virtudes além das humanas e deixem admirados os que os contemplem: homens celestiais ou anjos terrenos; e ainda, se for possível, melhor do que estes, pois possuem ofício mais alto do que o deles.

Sacerdócio real, povo santo, posse de Deus

11. Para que entendamos, com mais autoridade, o que devemos ser, olhemos para o nosso pai São Pedro, do qual, na figura de Levi, disse Deus a Malaquias:

“*Pactum meum cum eo fuit vitae et pacis*” (cf. Mt 2,5). (*Exponatur*).¹⁶ Como quem bem o trabalhava e conhecia, admoesta aos sacerdotes como devemos ser, dizendo: “*Vos, autem, genus electum*”:¹⁷ não de carne nem de sangue, mas nascidos de Deus e filhos d’Ele, semelhantes a Ele nos costumes. Não convém ser filho do demônio, como é o caso do pecador, para ser sacerdote. Sendo filho adotivo de Deus e muito amado por Ele, é razoável que seja ele quem consagre ao muito amado Filho de Deus. Padres, sois “sacerdócio real” (I Pd 2,9); reis santos que regeis vossa vontade e paixões conforme à lei de Deus e, regendo-vos bem a vós mesmos, regeis ao povo, dando-lhe maiores benefícios e exercendo obras de maior poder que os reis da terra sobre seus vassalos. “Sois reis da terra”, porque a desprezais; reis dos homens, porque os regeis segundo Deus. Mandais nos demônios; com Deus podeis tanto que O trazeis a vossas mãos, e de irado o tornais manso. Quem possui um reino tão conforme, poderoso e precioso? Em testemunho desta dignidade real, foi mandado que os sacerdotes portassem coroa, a qual não é a tonsura que trazemos sobre a cabeça, mas os cabelos cortados à altura das orelhas, ainda que agora, por costume tão comum, não aparece esta coroa, por encontrar-se sem cabelos. “Somos reis e povo santo”, diz São Pedro, o qual mesmo aos leigos pede que o sejam. Quanto mais nós, aos quais diz o Senhor: “*Sancti estote, quia ego!*” (Lv 19,2),¹⁸ etc.

12. Estou dizendo isso e ferindo-me o coração ao olhar-me a mim mesmo, que devendo possuir santidade, não creio que tenha sequer o princípio dela. “Nação santa, povo que Deus conquistou”, e que se chama herança e propriedade sua, porque o principal domínio de Deus é a terra, na qual colherá fruto em Si mesmo e nos outros. Os sacerdotes somos principalmente deputedos para a honra e contentamento de Deus e guardas de suas leis em nós e nos outros. E se vivemos algum período nas trevas dos nossos pecados, o Senhor já “nos chamou”, diz São Pedro, daquela cegueira e nos trouxe “à sua admirável luz” (I Pd 2,9), dando-nos a sua graça e a luz de sua divina doutrina, com a qual nós endireitamos nossos passos, conforme a vontade de Deus e, uma vez iluminados, anunciemos aos que estão nas trevas as virtudes e a bondade daquele Senhor que conosco as exercitou.

16) “O meu pacto com ele foi um pacto de vida e de paz (exponha-se)” (N.T.).

17) “Vós sois um povo eleito” (I Pd 2,9) (N.T.).

18) “Sede santos porque eu [sou santo]” (Lv 19,2).

Vivamos a santidade que o sacerdócio exige

13. Tais, meus padres, e tão qualificados devemos ser os que temos ofício tão qualificado. A pouca consideração em que é tido este ofício, a grande facilidade com que é assumido e a pouca santidade com que é tratado, não são causas suficientes para que, no serviço de Deus, não nos seja pedida a vida digna que este ofício exige. Ofício este que, por mais que um homem seja santo e muito santo, não deve atrever-se a buscá-lo. Deve ser enviado por Deus para isso, seja por revelação invisível, seja por obediência a um prelado, seja por conselho de uma pessoa digna de crédito. E, mesmo assim, deve tremer com o grande peso que lhe colocam às costas, que basta para fazer tremer os ombros dos anjos. E se até agora fomos homens pouco cuidadosos em olhar a grandeza do benefício que Deus nos fez e se fomos negligentes no serviço, seja seu santo nome bendito por nos esperar até agora, sofrendo os desacatos que lhe temos feito no mau tratamento do seu santo corpo e sangue, e outros pecados e negligências que temos cometido. E não apenas sofrido, mas, com desejo de nossa emenda, nos envia um prelado que, por misericórdia de Deus, tem zelo de nos ajudar a ser o que devemos ser. “Não com desejo de enriquecer-se, nem de assenhorar-se no cargo eclesiástico”, como disse São Pedro (cf. I Pd 5,3), mas de apascentar-nos na boa doutrina e exemplo, e ajudar-nos em tudo o que for possível, tanto para a manutenção corporal, que é o menos importante, quanto para que sejamos sábios e santos, os mais sábios e mais santos do povo, como Santo Isidoro disse que devemos ser. Aos prelados manda São Pedro que façam essas coisas com os clérigos, e aos clérigos manda que sejam humildes e obedientes aos seus prelados. Se cabeça e membros nos juntamos de uma vez em Deus, seremos tão poderosos que venceremos o demônio em nós e livraremos o povo dos pecados. Porque assim como a maldade dos clérigos é causa muito eficaz da maldade dos seculares, assim fez Deus tão poderoso o estado eclesiástico que, sendo este como deve ser, influi no povo toda virtude, como o céu influi na terra. Desta forma, recobramos a estima que perdemos com o povo por nossa negligência; “recobramos os anos” perdidos, “que o gafanhoto” de nossa negligência “comeu” (cf. Jl 2,25). Seremos agradáveis aos olhos daquele Senhor que os colocou sobre nós, para nos escolher entre todos para seu louvor, trato familiar e serviço. Salvaremos nossas almas e as de muitos, e seremos dignos deste excelente nome de sacerdotes de Deus e mereceremos, com sua graça, reinar com Ele em sua glória.